

# Eventual malogro brasileiro preocupa EUA

Siggi Bucher/Reuters

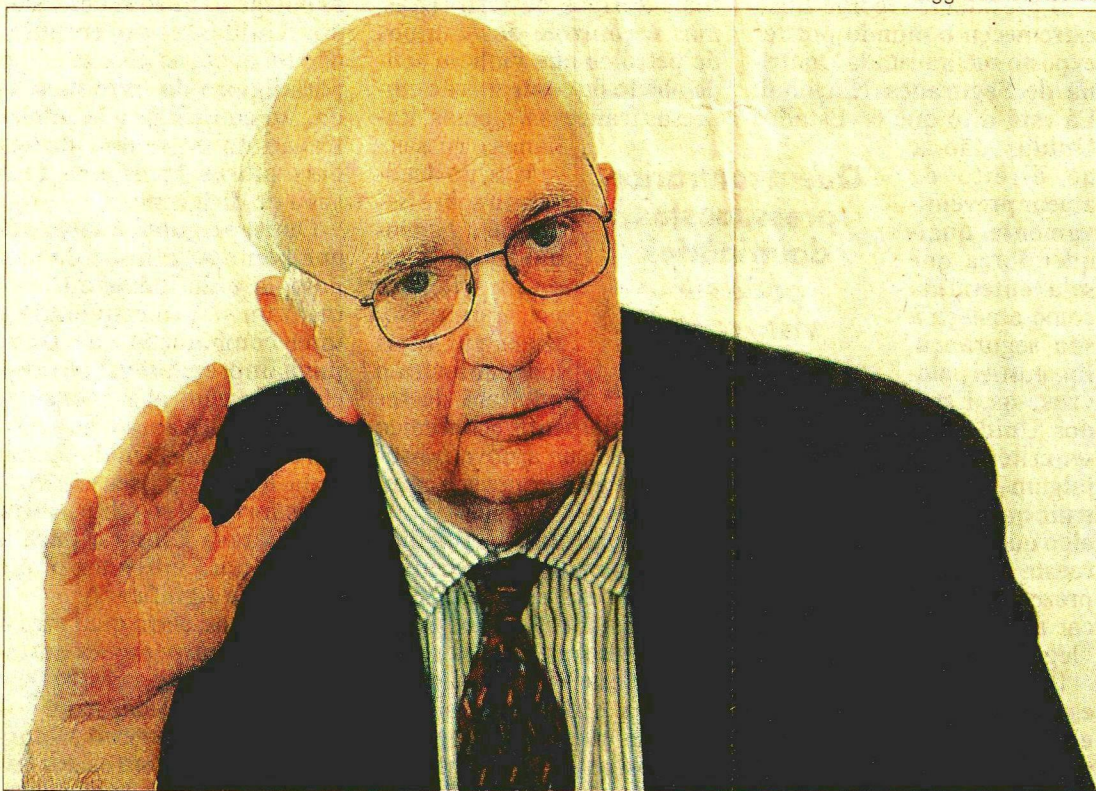
*Temor é que a Turquia, com papel geopolítico estratégico, também entre em colapso*

PAULO SOTERO  
Correspondente

WASHINGTON – O ex-presidente do Federal Reserve (Fed), o banco central dos Estados Unidos, Paul Volcker, previu na semana passada, num seminário em Washington, que se a crise financeira brasileira evoluir para uma suspensão de pagamentos, nos próximos meses, a Turquia seguirá o exemplo. Essa possibilidade – uma das ramificações globais de um eventual colapso da economia brasileira – começa a preocupar Washington. A Turquia que, segundo os especialistas, enfrenta uma situação econômica e financeira mais precária do que a do Brasil, está no centro das articulações da guerra que a Casa Branca prepara para tirar Saddam Hussein do poder no Iraque.

As dúvidas dos investidores domésticos e internacionais sobre a capacidade do Brasil de fazer a transição de governo sem sobressaltos, em meio ao clima financeiro extremamente adverso da economia mundial, são parte dos cálculos que levaram o FMI a reativar as conversas com a Argentina, na semana passada. O objetivo dos entendimentos é tentar chegar a um acordo inicial que permita, pelo menos, que Buenos Aires continue a honrar seus pagamentos aos organismos multilaterais como o próprio Fundo, o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento – a última fonte de crédito que lhe resta. “Embora a Argentina seja vista como carta fora do baralho, um novo default argentino, agora na dívida oficial, seria mais uma má notícia e aumentaria o pessimismo que há no mercado em relação ao Brasil”, disse esta semana um executivo de um banco de investimentos de Nova York.

Parlamentares americanos que se interessam pelo Brasil temem que a administração Bush não tenha acordado para todas as repercussões internacionais potenciais de um desarranjo na economia do País. O megainvestidor George Soros compartilha dessa preocupação. Ele disse, no domingo anterior, que o Tesouro americano e os dirigentes



Para Volcker, ex-presidente do Fed, se o Brasil suspender pagamentos, Turquia seguirá o exemplo

do FMI ainda não reconheceram a gravidade da situação e “estão dormindo na central de controle”.

Na segunda-feira, Soros afirmou, em discurso feito no Instituto de Economia Internacional, que mesmo que o futuro presidente do Brasil faça tudo o que o mercado gostaria que ele fizesse, os US\$ 24 bilhões de desembolsos em 2003 previstos pelo acordo de transição que o Brasil fez com o FMI não serão suficientes e que o País “necessitará de mais apoio oficial” para vencer a tormenta e estabilizar a situação.

O jornal londrino *The Financial Times* resumiu recentemente o que está em jogo. Se o acordo de US\$ 30 bilhões que o FMI fez ao País não produzir o resultado pretendido, “não apenas destruirá a frágil economia do Brasil, mas a própria razão de ser do FMI”.

**Ansiedade** – É contra esse pano de fundo que o economista Michael Gavin, do banco de investimento UBS Warburg, analisa o intenso nervosismo com que Wall Street acompanha as eleições no Brasil. “Em

parte, os investidores internacionais estão se guiando pelos investidores brasileiros”, disse ele ao *Estado*. “Mas a forte ansiedade que existe hoje nos mercados globais, por razões que não têm a ver com o Brasil, tornam as coisas ainda mais complicadas para quem for eleito presidente do Brasil, porque reduzem ainda mais a pequena margem de manobra que havia.”

Gavin é um dos poucos analistas que aceita os argumentos de Brasília sobre a capacidade do País em continuar a rolar a dívida interna – um dos temas específicos que alimenta a ansiedade dos mercados. “Minha sensação é que o cronograma que o gover-

no tem para manejar e estabilizar a situação é mais longo – de 6 a 12 meses – do que o mercado pensa”, disse ele. “Mas é difícil sustentar essa posição com argumentos, especialmente diante do favoritismo do candidato do PT, porque eu não tenho a menor idéia do que ele e seus assessores pensam; presumindo que Lula ganhará as eleições, eu não sei como eles responderão, por exemplo, se, em março, o FMI

disser que, em vista a desvalorização da moeda, gostaria de ver o saldo fiscal primário aumentado em 0,5% do PIB ou novas propostas de reformas estruturais.”

Ainda considerando a hipótese de Lula ganhar no primeiro turno, o que as apurações não confirmaram, Gavin disse que três coisas contribuirão para acalmar o mercado e permitir que ele trabalhe em meio à volatilidade, que persistirá até depois da posse, em qualquer cenário. A primeira é reafirmar o compromisso de seguir com o acordo com o FMI. “Ele não precisa dar o número do saldo primário; mais importante é que diga que o Brasil produzirá o saldo necessário para manter os pagamentos dos compromissos externos, mesmo que isso signifique sacrifícios em seu primeiro ano de governo”, afirmou Gavin. “A nomeação da equipe econômica é uma dado crítico; é fundamental que o novo time tenha credibilidade dentro do País.”

Igualmente importante, segundo o economista, são “sinais de que Lula terá condições de formar uma coalizão efetiva de trabalho com os partidos mais ao centro no Congresso para levar adiante as reformas estruturais” que ele e os demais candidatos se comprometeram a fazer. A expectativa não será diferente se o candidato tucano, José Serra, surpreender Lula no dia 27 de outubro.

É fundamental que a nova equipe econômica tenha credibilidade dentro do País

Michael Gavin  
Economista do UBS Warburg